

Introdução

Alfredo Teixeira e João Manuel Duque

Esta obra reúne os estudos e ensaios apresentados no II Colóquio Internacional «Desporto, Ética e Transcendência», organizado a partir de uma parceria entre a Universidade Católica Portuguesa (UCP) e o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), com a colaboração do Instituto Luso-Ilírio para o Desenvolvimento Humano/Universidade dos Valores. A primeira edição, protagonizada pelo Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Faculdade de Teologia (UCP), em 2015, conheceu uma nova realização a 26 e 27 de novembro de 2018, em Lisboa e Braga, agora com a coordenação científica do Instituto de Estudos de Religião (UCP). Este volume reflete o trabalho desenvolvido nesta segunda edição do Colóquio e dá testemunho da vontade de dar continuidade à construção de uma comunidade alargada de pensamento sobre o desporto, na exploração dos interstícios que mobilizam o discernimento ético e o reconhecimento das dimensões de transcendência constituintes da condição humana.

A modernidade enfatizou a ideia de *performance* desportiva como «superação de si», num contexto em que o conhecimento do mundo se abria a novas fronteiras. Para além da ética e da espiritualidade, a tecnologia tornou-se um fator decisivo na caracterização da experiência de superação própria das culturas desportivas. Numa particular relação com a experiência do humano inacabado, é necessário continuar a pensar o desporto enquanto modo de habitar o mundo, a partir de uma perspetiva humanista – ou seja, uma tradução simbólica da experiência de si, da comunidade e do meio, onde vulnerabilidade e superação se implicam.

A prática desportiva é um intensificador do gozo da vida. Para o filósofo catalão Josep Maria Esquirol, esta perspetiva é decisiva para pensar o desporto,

esclarecendo que intensificar o viver é, também, acrescentar sentido. A intensificação não é aqui sinónimo de alienação. A intensificação do viver passa pela capacidade de descobrir sentido para a vida.

Esta leitura do fenómeno desportivo pode aproximar-se de uma perspetiva teológica que lê o humano na ótica do inacabado, como sugere Alexandre Palma. O desporto sinalizaria, assim, essa experiência de incompletude que alimenta o espírito desportivo e, numa linguagem diferente, mas traduzível, habita muitos impulsos místicos, em contextos religiosos e espirituais diversos. A negatividade própria da incompletude, sugere Alexandre Palma, pode ser o que mantém vivo, na medida em que desencadeia a procura do positivo – como que um efeito imunológico. O título de um dos primeiros documentos do Vaticano sobre o desporto – «Dar o melhor de si» – pode resumir este sentido humanista. José Carlos Miranda oferece-nos uma leitura deste texto singular, inserindo-o na tradição dos clássicos do pensamento cristão, descobrindo o desporto como uma reserva ecológica de humanismo integral. Nesta via do humanismo cristão, a verdade desportiva é a verdade do Homem.

Esta forma de pensar o desporto, como lugar de abertura e realização do humano, na sua complexidade, confronta-se, hoje, com diversos programas de pensamento, que consideram a condição corpórea do humano como algo não a ser realizado, ou plenificado, mas antes a ser superado. Como observa João Manuel Duque, essa lógica transcreve-se tanto na figura do *cyborg*, como nas formas de virtualização do corpo, reduzido a pura informação. Assim, as utopias do corpo, paradoxalmente, podem tender para a sua anulação. Pensar o desporto a partir da experiência dos seus praticantes, implica a consideração da corporeidade nesse paradoxo em que o corpo é, ao mesmo tempo, o lugar e o limite do desejo. Assim, o aperfeiçoamento do humano não se traduziria nas vias de uma libertação do corpo, mas na tensão entre o corpo que se tem e o corpo que se é, bem como na experiência do corpo do outro no corpo próprio. Na perspetiva de João Manuel Duque, esse é o lugar de uma relação ética positiva possível: a relação de cuidado inter-humano e de cuidado consigo mesmo.

O desporto moderno sempre mobilizou dispositivos técnicos e, mais recentemente, tecnologias de ponta, nas mais diversas circunstâncias, desde o treino aos sistemas de arbitragem. No entanto, o olhar sobre o desporto tradicional tende a concentrar-se nos níveis de proficiência motriz, de habilidade estratégica, de tenacidade psíquica ou nobreza moral. Neste quadro de

observação, nas formas clássicas de desporto ou nos desportos de risco, o corpo, na sua complexidade, é o actante fundamental. Mas, como observa Ana Santos, no caso dos praticantes de *eSports*, essa centralidade não se reproduz, já que a disputa se transfere para o ecrã – ou seja, é puro espetáculo. Os limites que se ultrapassam não mobilizam o risco da integridade física. A presença do jogador pode ser substituída por um avatar. Os desportos eletrónicos exigem, assim, novas formas de entendimento da corporeidade desportiva.

Pensar a corporeidade desportiva é pensar a sociedade. Este traço, como mostra Pedro Braga Falcão, aproxima a experiência contemporânea do desporto ao mundo clássico. Ontem como hoje, é necessário perguntar quem são essas pessoas que enchem os estádios – ou se dissolvem na multidão dos que permanecem diante dos ecrãs. A etimologia e a lexicografia mostram que, no século xv, a palavra «desporto» entrou para a nossa língua através do francês *déport* (do latim *deportare*). O vocábulo, na sua raiz, refere-se ao «ato de levar de um lado para ou outro». Próximo do universo semântico de «divertimento» (*dis-vertere*), o desporto evoca algo que nos «transporta» para um outro estado.

Envolvendo assim os quotidianos, as formas de construção do eu e as representações coletivas, compreende-se porque é que António de Castro Caeiro nos apresenta o desporto como um laboratório prático da vida. Essa visão é autorizada pelos relatos de Píndaro. Neles, a situação de competição entre dois ou mais adversários é uma metáfora viva da vida. É-o porque no mundo helenizado, mesmo se os desportos não eram de equipa, toda a disputa individual representa uma casa, uma família, uma aldeia, uma cidade ou uma nação. Em última análise, para Píndaro, a situação de «agonia», que está no centro da competição desportiva, é o epitome da própria existência humana.

Esta relação da prática desportiva com o mundo da vida está bem patente na leitura antropológica que Alfredo Teixeira propõe, relativa aos hibridismos da prática da caminhada. Trata-se da caminhada enquanto atividade pedestre, vivida nesse plano híbrido do desporto-lazer e da caminhada enquanto peregrinação. Nesse contexto de interceção, a partir do relato de caminheiros e peregrinos, o antropólogo Alfredo Teixeira descobre um desinvestimento provisório nos valores que metrificam o quotidiano, visando a obtenção de uma reserva interna de experiência que valoriza tanto a descoberta de si como a fruição do meio – trata-se, portanto, de um exercício espiritual.

É ainda a partir dessa perspetiva sobre o desporto, enquanto epítome da própria existência humana, que se deve compreender porque é que a prática desportiva mobiliza, de forma tão decisiva, a interrogante ética. O desporto de alto rendimento implica sempre uma certa artificialização, numa via de autossuperação. Como observa João Tiago Lima, importa não esquecer que o desejo de ir sempre mais além comporta riscos.

No registo do empreendedorismo desportivo, como observa Jorge Humberto Dias, o desporto não pode deixar de ser visto como uma das ferramentas mais eficazes na educação para os valores éticos. O questionamento ético é particularmente sensível no diz respeito à íntima relação entre desempenho desportivo e vulnerabilidade. Interessa, pois, compreender a identidade psíquica do praticante de desporto de alto rendimento, uma vez que, na perspetiva da psicologia do desporto, essa é uma dimensão decisiva para a compreensão da transcendência desportiva. A essa capacidade, necessária à autotranscendência, Jorge Silvério chama tenacidade.

Na órbita do paradigma da motricidade humana, desenvolvido entre nós por Manuel Sérgio, a complexidade exige esta multifocagem do desporto e das culturas desportivas. Exige-se assim a renovação de um olhar humanista sobre o desporto, com atenção à historicidade do corpo humano, às relações entre atores e coletividades, aos trânsitos entre o biológico, o tecnológico, o psíquico e o espiritual. Por isso, recorda Luísa Sénica, num registo sapiencial e testemunhal, ganhar é algo mais do que a «mecânica» do treino, ganhar é ir para além do visível. Por isso, na sua perspetiva, o desporto é possivelmente o caminho mais praticado para a transcendência, mas também o menos estudado, nesta perspetiva.